

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ARTHUR BRAZ ROCHA BORGES DE OLIVEIRA

**"Caminhos da Aprendizagem da Docência: minha Experiência Formativa em
Educação Física no PIBID CEFD/UFES (2023–2025)"**

**VITÓRIA
2025**

ARTHUR BRAZ ROCHA BORGES DE OLIVEIRA

"Caminhos da Aprendizagem da Docência: minha Experiência Formativa em Educação Física no PIBID CEFD/UFES (2023–2025)"

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof Dr Nelson Figueiredo de Andrade Filho

VITÓRIA

2025

NOME DO(S) ALUNO(S)
Arthur Braz Rocha Borges de Oliveira

TÍTULO DO TRABALHO

**"Caminhos da Aprendizagem da Docência: minha Experiência Formativa
em Educação Física no PIBID CEFD/UFES (2023–2025)"**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Educação Física - Licenciatura, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em 21/06/2025

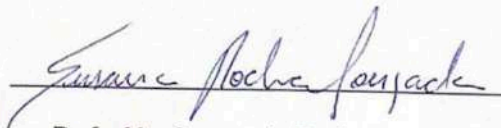
BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade Filho



Prof. Serge Matos da Silva



Profa. Me. Susana da Rocha Louzada

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente a Deus, pela graça e misericórdia que se renovam a cada dia, e por me sustentar em todos os momentos.

À minha família, em especial à minha mãe, minha irmã e meus avós, por serem minha base em todos os momentos e pelo incentivo incondicional.

Ao meu orientador, pela paciência, dedicação e pelos ensinamentos transmitidos, que foram fundamentais para a construção deste trabalho e para minha formação profissional.

Aos professores do curso de Educação Física do CEFD/UFES, que contribuíram com seus conhecimentos e experiências para meu crescimento acadêmico e profissional.

Aos meus colegas de curso, que compartilharam comigo esses quatro anos de formação. Em especial, aos meus amigos Alcides, Beatriz, Gabriel, Isadora, Max, Pedro e Wesley, pela amizade verdadeira, pelos momentos vividos juntos e por todo o apoio, especialmente no meu momento mais difícil.

Aos colegas do PIBID, das duas experiências que vivenciei, pela parceria e pelas trocas, além dos supervisores que me ensinaram muito sobre o ser professor de Educação Física.

Minha gratidão eterna a todos.

RESUMO:

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um relato de experiência sobre minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Centro Municipal de Educação Infantil Ana Maria Chaves Colares (Vitória/ES), nas edições de 2023 e 2025, durante a graduação em Licenciatura em Educação Física na UFES. O objetivo foi refletir sobre como as vivências no programa contribuíram para a formação inicial docente, especialmente na Educação Infantil. A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza descritiva e reflexiva, utilizou a escrita autobiográfica como recurso metodológico, articulando memórias e registros de atividades. As experiências evidenciaram a importância do planejamento flexível, da afetividade, da escuta sensível, do trabalho coletivo e do respeito ao movimento infantil como elementos centrais da prática pedagógica. O PIBID mostrou-se um espaço formativo essencial ao aproximar teoria e prática, favorecendo a construção da identidade docente e fortalecendo o entendimento da docência como processo contínuo, investigativo e comprometido com o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: PIBID; Educação Infantil; Formação Docente; Educação Física

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3. METODOLOGIA	13
4. RELATO:	15
4.1 Experiências 2023-2024:	15
4.2 Experiências 2024-2025	23
5. CONCLUSÃO:	33
6. REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da graduação em Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), vivi diversas experiências formativas que marcaram minha trajetória. Participei de projetos, estágios, disciplinas práticas e eventos acadêmicos que, em diferentes momentos, despertaram reflexões sobre a docência e ampliaram minha visão sobre a educação. Diante da riqueza dessas vivências, enfrentei certa dificuldade para escolher um tema que representasse de forma autêntica meu processo formativo.

Após considerar diferentes possibilidades e até mudar de tema algumas vezes, percebi que as experiências vividas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), nas edições de 2023 e 2025, foram fundamentais na construção da minha identidade como futuro professor. A partir dessa constatação, compreendi que o PIBID não apenas marcou minha trajetória, mas também ofereceu elementos concretos e simbólicos que merecem ser discutidos e analisados neste Trabalho de Conclusão de Curso.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) define

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira.

O PIBID busca proporcionar a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica para os discentes dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior. (Brasil, 2024)

Este Trabalho de Conclusão de Curso têm como objetivos apresentar um relato de experiência decorrente da participação no PIBID, evidenciando de que maneira as vivências oportunizadas nas edições de 2023 e 2025 contribuíram para minha formação inicial docente; Refletir sobre a articulação entre teoria e prática na formação docente, por meio das experiências vividas

no cotidiano da Educação Infantil durante o PIBID; Evidenciar os principais aprendizados pedagógicos e os sentidos atribuídos à docência a partir da participação nas atividades do programa, considerando aspectos como planejamento, afetividade, Experiências de Movimento Corporal e trabalho coletivo.

A proposta é refletir sobre os sentidos formativos dessas experiências, reconhecendo nelas elementos fundamentais para o desenvolvimento da prática docente, da autonomia pedagógica e da construção da identidade profissional.

A escolha por relatar minha experiência no PIBID se justifica pela relevância que esse programa teve na minha formação inicial como professor de Educação Física, especialmente no contexto da Educação Infantil. O contato direto com a realidade escolar desde os primeiros períodos da graduação possibilitou vivências pedagógicas significativas e momentos de reflexão sobre o papel da docência, os objetos de ensino da Educação Física e a relação entre teoria e prática.

Em especial, a atuação no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Ana Maria Chaves Colares” (AMCC) permitiu aprofundar questões relacionadas à presença da Educação Física na Educação Infantil e às especificidades do trabalho com as Experiências de Movimento Corporal das crianças Andrade Filho (2011). Ao compartilhar e refletir sobre essa trajetória, este trabalho contribui para ampliar as discussões sobre a formação docente em contextos reais, reconhecendo o PIBID como um espaço fértil para aprender a ser professor.

A vivência no PIBID também possibilitou que eu compreendesse com maior clareza o que significa, na prática, a aprendizagem da docência na Educação Infantil, especialmente no que diz respeito ao papel da Educação Física nesse contexto. A partir das propostas desenvolvidas pelo projeto PIBID/UFES 2022–2024, orientado pelos professores Dr Nelson Figueiredo de Andrade Filho e Dra Zenólia Christina Campos Figueiredo, passei a entender a importância de definir um objeto de ensino que desse sentido às intervenções pedagógicas. Nesse percurso, o trabalho com as Experiências de Movimento Corporal das crianças tornou-se central para minha atuação e reflexão como professor em formação.

O trabalho está fundamentado na compreensão de que a formação docente não se resume ao acúmulo de conteúdos teóricos, mas envolve uma complexa construção de identidade profissional, que se dá no encontro com o outro, na escuta, na prática, no erro e no acerto. Autores como Tardif (2008), Pimenta (1999), Severino (2013), Souza (2004) e Martins (2015) auxiliam na análise desse processo formativo, destacando o valor da experiência e da escrita reflexiva como caminhos para o autoconhecimento profissional. Assim, este trabalho é também um exercício de olhar para mim e para o meu próprio percurso formativo, reconhecendo o PIBID como um espaço potente de construção da docência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A formação inicial de professores envolve muito mais do que a apropriação de conteúdos teóricos e metodológicos; trata-se de um processo dinâmico, atravessado por vivências concretas, afetos, desafios e reflexões que constroem, aos poucos, a identidade docente. Nesse sentido, o PIBID constitui-se como um espaço privilegiado para essa formação, ao inserir o licenciando desde cedo na realidade das escolas públicas, promovendo o encontro direto com os sujeitos e os contextos da prática educativa.

Para compreender o valor dessas experiências, é necessário destacar o papel da prática como produtora de conhecimento docente. Segundo Tardif (2008, p. 53)

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional [...].

Essa ideia reforça que os saberes da docência não são apenas transmitidos, mas constantemente ressignificados na atuação prática, como ocorreu na minha experiência no PIBID.

A preocupação com a distância entre a formação universitária e a realidade escolar também aparece nas reflexões de Pimenta (1999), que argumenta que pesquisas apontam que os currículos de formação inicial, ao serem excessivamente burocráticos e desconectados da prática, têm pouca contribuição na construção da identidade docente.

Essa ideia se torna ainda mais relevante quando se observa que programas como o PIBID caminham justamente na contramão desse distanciamento, promovendo uma integração mais orgânica entre universidade e escola. Ao vivenciar o cotidiano escolar de forma continuada, o licenciando tem a oportunidade de perceber contradições, escutar os sujeitos do processo e repensar suas concepções de ensino.

Ao escolher a escrita autobiográfica como método do meu relato de experiência, este trabalho também considera o valor formativo da escrita de si como instrumento de investigação. Souza (2004, p. 13) afirma que:

A escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si. É com base nessa perspectiva que a abordagem biográfica instaura-se como um movimento de investigação-formação, ao focar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício de tomada de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida, as quais são expressas através da meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos nas suas experiências formadoras.

Essas compreensões sobre a escrita e a escuta de si conectam-se diretamente à proposta do PIBID, que se constitui como um espaço formativo em que o licenciando vivencia, reflete e reconstrói sentidos sobre a docência. Ao considerar o PIBID como um espaço de formação, é necessário reconhecer que ele não se limita à observação ou ao simples cumprimento de horas de estágio. Pelo contrário, trata-se de uma vivência formativa que permite ao licenciando participar ativamente da dinâmica escolar, elaborando, intervindo e refletindo sobre a prática pedagógica real. É nesse processo que se inicia, de forma concreta, a aprendizagem da docência.

Martins (2015), ao investigar especificamente a formação docente em Educação Física na Educação Infantil por meio do PIBID, destaca que o ambiente da escola, ao receber o licenciando, se transforma em um lugar de trocas e aprendizagens mútuas, onde o futuro professor deixa de ser apenas espectador e passa a atuar como sujeito da própria formação:

[...] a presença dos estudantes em formação inicial no contexto das instituições de Educação Infantil, providenciada pelo PIBID, favorece o processo de aprendizado, análise e intervenção pedagógica, promovendo a melhoria da qualidade do ensino. [...] Esse processo possibilita que os professores em formação [...] se constituam como atores da sua própria formação e da produção de conhecimentos. (Martins, 2015, p. 25).

O autor ainda complementa, destacando que o programa proporciona experiências que vão além da sala de aula universitária, favorecendo a construção de saberes e de uma postura reflexiva diante da prática:

O Pibid/EF da Ufes [...] pretende proporcionar aos participantes oportunidades de elaboração e reelaboração de saberes em confronto com uma prática vivenciada e reflexiva, permitindo-lhes [...] construir caminhos de aprendizagens e conhecimentos necessários à sua prática formativa e profissional. (Martins, 2015, p. 101).

Essas reflexões fortalecem a ideia de que a formação docente se constrói a partir do diálogo entre teoria e prática, mediado por experiências reais e significativas, como as que o PIBID oportuniza. Ao vivenciar desafios e conquistas

no ambiente escolar, o licenciando é provocado a desenvolver sua autonomia, sua escuta sensível e sua capacidade de análise crítica, aspectos essenciais na constituição da identidade profissional docente.

3. METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência, desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e reflexivo. Embora se caracterize como relato de experiência, adota também elementos da escrita autobiográfica e da memória profissional, compreendidas aqui como práticas formativas que se constituem em importantes recursos para a reflexão.

Este trabalho, apresenta e analisa criticamente minha trajetória como bolsista do PIBID, nos anos de 2023 e 2025, com ênfase nos aprendizados, nas vivências pedagógicas e nos sentidos atribuídos à formação inicial no contexto da Educação Infantil.

Como estratégia metodológica, adotei a escrita autobiográfica, que me permitiu narrar e refletir sobre as minhas experiências formativas. Segundo Souza (2004, p. 13), “[...] a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si [...]”. Essa abordagem contribui para que o relato vá além da simples descrição de fatos, assumindo um caráter reflexivo e crítico sobre o processo de construção da identidade docente no contexto do PIBID.

Como dito, embora este trabalho não seja um memorial acadêmico formal, ele se aproxima dessa proposta ao organizar, por meio de uma narrativa analítica, uma parte significativa da minha formação como professor, a vivência no PIBID. Por isso, dialogo também com autores como Severino (2013), que afirma:

[...] constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor [...] (Severino, 2013, p. 152).

Do mesmo modo, a proposta de escrita reflexiva se encontra nas orientações de Caparróz (2009), que, ao tratar da construção da memória profissional, destaca a importância de relatar a experiência de forma crítica, atribuindo significados ao vivido e relacionando-o com os processos de formação e prática docente.

A escolha pela abordagem narrativa também se ancora na compreensão de que a escrita de si não é apenas um exercício de rever minhas memórias, mas a partir das memórias, ter uma reflexão e investigação de como o processo durante o

PIBID foi importante na minha formação como docente e nos demais saberes docentes. Segundo Terra, Muniz e Veloso (2024, p.119):

[...] nossas narrativas (auto)biográficas compreendem o individual posto em um processo coletivo de constituição que evocam memórias de formação. Reúnem reflexões de um ir e vir que passam por nossas vidas pessoais e profissionais provocando diferentes formas de compreender o mundo, a Educação e a Educação Física[...].

Nesse sentido, a construção da minha narrativa não se limita a rememorar acontecimentos vividos, mas propõe uma escuta sensível de mim, uma reconstrução da minha própria trajetória a partir da reflexão sobre a prática vivida. Mais do que contar uma história, trata-se de investigar os sentidos educativos que emergem dessas experiências e como elas se articulam à formação docente.

Como reforçam as autoras,

[...] a investigação narrativa não está relacionada a um simples contar histórias, mas busca o sentido educativo presente nas histórias que contamos utilizando uma linguagem que possa despertar em nós e nos outros/as uma inquietação educativa [...] (Terra, Muniz e Veloso, 2024, p.119-120).

Ao assumir essa perspectiva metodológica, compreendo que relatar minha experiência no PIBID é uma forma legítima de produzir conhecimento pedagógico e refletir criticamente sobre a minha constituição da identidade docente. A escrita narrativa neste trabalho busca compreender como se aprende a docência no cotidiano do CMEI.

As experiências que compõem esta narrativa foram vivenciadas no CMEI Ana Maria Chaves Colares, no município de Vitória (ES), onde atuei como bolsista do PIBID vinculado ao curso de Licenciatura em Educação Física da UFES. A construção deste trabalho parte de registros pessoais, relatos e trabalhos feitos durante essas experiências, além de fotos de alguns momentos. Ao longo da escrita, busco relatar momentos que considero importantes e formativos vividos durante minha trajetória no programa, compreendendo-os como fundamentais para a construção do meu ser docente.

4. RELATO:

4.1 Experiências 2023-2024:

Iniciei minha primeira experiência no PIBID na primeira metade de 2023, após ouvir muitos relatos positivos sobre o projeto por parte de colegas de turma e da graduação. Em maio, me inscrevi em um “novo” edital, que fazia parte do processo de 2022, mas havia aberto novas vagas. Não perdi a oportunidade e fui selecionado para participar.

Estava no 4º período da Licenciatura em Educação Física e, até então, tinha tido poucas vivências escolares. Minhas experiências de ensino eram voltadas majoritariamente para colegas da própria turma. As poucas incursões em espaços escolares se deram na Escola Experimental da UFES e em duas visitas ao CMEI Reinaldo Ridolfi, durante a disciplina de Educação Física no Ensino Infantil, ministrada pelo professor Nelson Figueiredo de Andrade Filho, que também era coordenador do PIBID. Essas idas ao CMEI despertaram meu interesse pela Educação Infantil e foram decisivas para eu me inscrever no programa.

Após ser selecionado e participar de reuniões iniciais, comecei oficialmente a atuação em junho, no CMEI AMCC, localizado em Jardim Camburi, Vitória (ES). As primeiras semanas foram dedicadas a conhecer a estrutura da unidade, as turmas e a dinâmica do CMEI. Tive a oportunidade de circular por diversas salas e com crianças de diferentes idades, observando e me familiarizando com os grupos e com as rotinas.

No início, confesso que senti receio ao imaginar como seria trabalhar com crianças tão pequenas, de 1 a 6 anos. Especialmente com as menores, eu não fazia ideia de como seria possível conduzir aulas de Educação Física. Achava, inclusive, que “não daria para fazer muita coisa”. Com o tempo, fui desconstruindo essa visão e percebendo que o trabalho era não só possível, como riquíssimo.

Ao chegar no meio do ano letivo, o CMEI já desenvolvia o projeto institucional “Capixabando (2023)”, cujo objetivo era explorar a cultura e as manifestações capixabas com as crianças. Junto à professora supervisora Giovana e aos colegas pibidianos, desenvolvemos ações com esse tema nos grupos 2, 3, 4 e 6.

A carga horária no PIBID era de 8 horas semanais, e durante esse tempo eu, juntamente com os colegas pibidianos, acompanhava a professora Giovana nas aulas de Educação Física com as crianças. A atuação era dividida entre diferentes

turmas, cada uma com sua dinâmica e necessidades específicas. Percebi que as turmas menores, compostas por crianças mais novas, demandavam uma atenção mais constante por parte dos adultos, tanto pelas necessidades físicas quanto pela forma como se organizava a rotina. Nesses grupos, havia momentos como o descanso após refeição e o apoio dos professores na alimentação, o que exigia de nós maior sensibilidade e disposição para colaborar com a rotina da unidade. Essa experiência foi importante para que eu compreendesse que, na Educação Infantil, o cuidado e o educar estão profundamente entrelaçados, assim como descreve as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2010), e que o trabalho pedagógico com o movimento corporal precisa respeitar e dialogar com esse cotidiano.

Foto 1: Primeiro dia no CMEI.



Fonte: do autor.

Como já mencionado, no início tive receio de como seria o trabalho com as crianças, especialmente por conta da idade. Com o tempo, compreendi na prática muitos dos ensinamentos que havia aprendido teoricamente na graduação, como a

importância da brincadeira na Educação Infantil. Essa compreensão se alinha aos estudos de Kishimoto (1994), que afirma:

Hoje, a imagem de infância é enriquecida, também, com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel do brinquedo, da brincadeira, como fator que contribui para o desenvolvimento e para a construção do conhecimento infantil. (Kishimoto, 1994, p.111).

Essa ideia é também reforçada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, em diálogo com as DCNEI, destaca:

[...] de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. (Brasil, 2018, p.37).

Diante disso, passamos a planejar e desenvolver atividades do projeto “Capixabando”, especialmente com as crianças menores, fundamentadas em brincadeiras e no contexto lúdico. Um exemplo disso foi uma atividade realizada com o Grupo 2, em que simulamos a presença de uma cobra utilizando uma corda no chão. As crianças eram convidadas a andar sobre a corda ou saltar por cima dela, enquanto cantávamos músicas e desenhávamos com elas o ambiente da “floresta” no qual estávamos imaginariamente inseridos.

A ludicidade estava presente não apenas na execução do movimento, mas também na forma como o imaginário infantil era ativado, fazendo da brincadeira uma experiência completa de corpo, expressão, linguagem e socialização.

Foto 2: brincadeira de andar e saltar a cobra com o grupo 2



Fonte: do autor.

Já com os grupos de crianças maiores, as propostas assumiam um nível maior de complexidade motora e simbólica. As crianças traziam com frequência

referências externas ao CMEI, como brincadeiras vistas na rua, nos espaços de lazer e mesmo em locais icônicos da cidade. Uma das falas que surgiram durante o projeto foi sobre a “escalada no Morro do Moreno”, atividade que algumas crianças conheciam por meio de familiares.

A partir disso, planejamos uma aula em que montamos uma atividade de escalada em uma árvore no pátio do CMEI. Com supervisão direta nossa, auxiliamos as crianças na subida e nos saltos, criando um circuito que envolvia desafio, ludicidade e diálogo com práticas culturais e territoriais. Essa experiência também nos permitiu tratar de temas como os povos originários e os modos de deslocamento e exploração do ambiente, criando conexões entre a cultura corporal, o corpo em movimento e os elementos locais da cultura capixaba.

Foto 3: Atividade de escalada



Fonte: do autor.

Durante essas experiências, a mediação dos adultos, sejam nós, pibidianos, ou a professora supervisora, foi fundamental para garantir que as crianças pudessem realizar as tarefas propostas com segurança e confiança. Esse processo

se alinha à teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal, de Vygotsky (1998), que compreende o desenvolvimento como algo que se dá nas interações sociais e nas situações em que a criança realiza ações com o apoio de um outro mais experiente. Ou seja, ao criarmos essas situações desafiadoras, mas acompanhadas, possibilitamos às crianças vivenciarem as Experiências de Movimento Corporal que talvez sozinhas não realizariam, ampliando assim seu repertório de movimento e sua autoconfiança.

Um dia que me marcou profundamente foi durante a semana do Dia das Crianças, quando o CMEI organizou um momento de brincadeiras de rua. A rua em frente à instituição foi fechada e, junto à equipe da escola e aos colegas pibidianos, preparamos diversos espaços para jogos, brincadeiras e atividades livres. O que me chamou atenção foi a liberdade que as crianças tiveram para escolher onde e com o que brincar, sem uma ordem rígida ou intervenções que limitassem sua expressão corporal, havendo assim o protagonismo da criança e a sua liberdade. Não era uma atividade com etapas ou controle, mas um ambiente vivo, em que as crianças eram as protagonistas. Esse tipo de vivência se distanciava da rotina tradicional e me fez lembrar de um texto que havia estudado em uma disciplina do curso, de autoria de Lucindo e Andrade Filho (2022).

Os autores destacam que “as experiências de movimento corporal das crianças tendem a ser sistematicamente interditas na rotina da instituição infantil” (Lucindo; Andrade Filho, 2022, p. 2). Ao retomar esse estudo diante da experiência vivida, percebi como aquele dia de brincadeiras na rua rompeu com o cotidiano escolar marcado por horários rígidos e espaços limitados. As crianças estavam mais soltas, autênticas e envolvidas, seus corpos se moviam com sentido e prazer. Como apontam os autores, “a corporeidade é a primeira dimensão para pensar a educação integral, participativa e reflexiva das crianças” (Lucindo; Andrade Filho, 2022, p. 16), e naquele dia isso ficou muito claro para mim.

Foto 4: dia de brincadeira de rua.



Fonte: do autor.

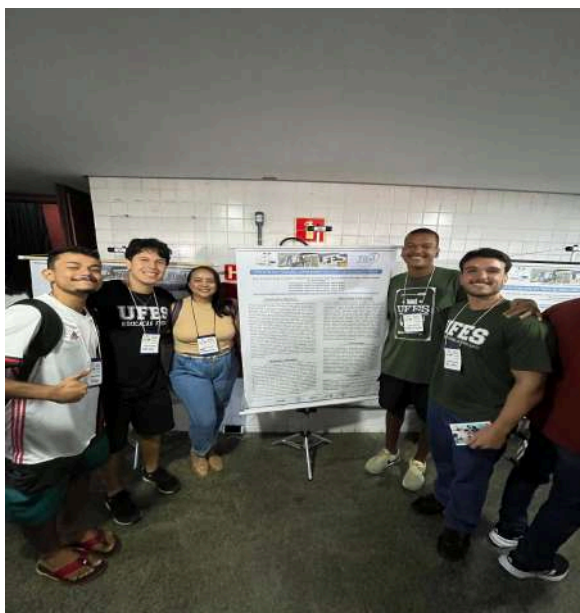
Além das atividades realizadas no CMEI, as reuniões mensais na UFES também foram componentes essenciais da experiência no PIBID. Nessas formações, nos reuníamos com os colegas bolsistas que atuavam em outros CMEIs, juntamente com os coordenadores e os professores supervisores do projeto.

Esses encontros permitiam que trocássemos vivências, discutíssemos os desafios enfrentados no cotidiano da Educação Infantil e refletíssemos sobre nossa prática pedagógica. Era um espaço coletivo de escuta, onde compartilhávamos ideias, levantávamos questões e, juntos, pensávamos os próximos passos das nossas intervenções no CMEI.

Essas reuniões ampliaram minha percepção sobre o que significa planejar com intencionalidade, ouvir outras realidades e compreender que a formação docente também se constrói no diálogo com outros professores em formação.

A última etapa dessa experiência no PIBID foi marcada pela participação no evento de socialização dos núcleos do programa na UFES, realizado no teatro da universidade. Nosso grupo se dividiu em dois subgrupos de quatro bolsistas e, juntos, elaboramos resumos expandidos e banners que apresentavam as ações desenvolvidas ao longo do semestre. No dia da mostra, tivemos a oportunidade de expor nosso trabalho a colegas de outros cursos, professores supervisores e coordenadores do programa. Esse momento foi significativo não apenas pelo reconhecimento institucional, mas também por fortalecer nossa autonomia como futuros docentes. Apresentar nossas experiências, refletir sobre elas em forma escrita e dialogar com outros professores em formação nos ajudou a compreender que ser professor envolve também produzir conhecimento a partir da prática, compartilhá-lo e construir uma identidade profissional aberta à troca e à escuta.

Foto 5: dia da apresentação final.



Fonte: do autor.

Ao olhar para essa primeira experiência vivida no PIBID em 2023, reconheço o quanto ela foi fundamental para minha formação como futuro professor. Desde o primeiro contato com o CMEI AMCC, até as intervenções realizadas, passando pelas formações na universidade, pela produção acadêmica e pelas trocas com

colegas e supervisores, fui construindo, aos poucos, minha identidade docente. O PIBID me possibilitou viver o cotidiano escolar de forma comprometida e reflexiva, enfrentando desafios reais e experimentando possibilidades concretas de ensinar e aprender com as crianças.

Essa vivência ampliou minha compreensão sobre o papel da Educação Física na Educação Infantil, me desafiou a planejar com intencionalidade, a pensar o movimento como linguagem e a valorizar o brincar como eixo estruturante do desenvolvimento infantil. Além disso, foi a partir dessa experiência que me senti mais seguro e preparado para atuar nos estágios curriculares obrigatórios, com mais autonomia, escuta e presença.

O percurso construído no PIBID em 2023 não se encerrou ali. Ao longo da formação, segui carregando comigo os aprendizados, as dúvidas e os sentidos daquele primeiro momento. E foi com essa bagagem que, em 2024, retornei ao programa como bolsista, agora com um novo olhar, ainda mais atento, mais implicado e mais consciente das potências e responsabilidades da docência.

4.2 Experiências 2024-2025

Após o fim do edital da minha primeira experiência, no início de 2024, achei que não conseguiria mais voltar ao PIBID como bolsista, pois no edital anterior, apenas quem havia concluído até 60% da graduação poderia estar inscrito. Porém, ao sair o novo edital, houve algumas mudanças, agora não teria mais limite de conclusão, estudantes de qualquer período poderiam se inscrever, com isso, não perdi a oportunidade e novamente me inscrevi.

Como dito, houve algumas mudanças no edital comparado ao anterior, e uma delas foi que agora haveria escolas do ensino infantil ao ensino médio (antes o PIBID de Educação Física da UFES era apenas no ensino infantil). Como gostei tanto da experiência e do trabalho na educação infantil, ao ver que o CMEI AMCC estava novamente no edital, escolhi voltar para lá, para que assim a experiência continuasse e eu tivesse novos aprendizados, junto a novos colegas do PIBID e a um novo supervisor.

As mudanças também aconteceram nos coordenadores, agora, dois novos professores assumiram, e como estavam iniciando tiveram várias conversas para explicar como seria, e, como eu e alguns estudantes éramos “veteranos” no PIBID, participamos ativamente nas conversas para explicar e falar como era ser um pibidiano de Educação Física.

Foto 6: apresentação da primeira experiência no PIBID



Fonte: do autor.

Momentos como esse são importantes na formação docente porque nos colocam em posições de responsabilidade e escuta, exigindo que articulemos nossa experiência prática com a capacidade de comunicar, orientar e colaborar. Ao compartilhar vivências com os novos colegas e professores, exercitamos não só a memória do que foi vivido, mas também a reflexão crítica sobre o processo formativo. Essas interações funcionam como experiências coletivas de formação, nas quais os saberes construídos individualmente ganham sentido compartilhado, fortalecendo a dimensão colaborativa do ser professor.

Iniciei na escola novamente, no dia 04 de fevereiro, ao retornar ao um ambiente ao qual já havia tido experiências, foi um misto de sentimentos, foi como chegar agora no último período da faculdade “mais maduro”, tendo uma bagagem anterior e também uma ideia de como seria mais ou menos, havia mais ansiedade para retornar do que insegurança como foi na primeira vez lá em 2023.

O primeiro dia no CMEI foi mais voltado para conversarmos e o novo grupo conhecer o local, o qual eu já conhecia. Embora fosse o mesmo espaço físico, a dinâmica era diferente. O supervisor agora era o professor Serge, que eu já conhecia, mas com quem ainda não tinha tido experiências mais “diretas”. O grupo de pibidianos também era outro. Apesar de alguns “veteranos” retornarem, no CMEI AMCC apenas eu estava de volta.

A troca de experiência com colegas que ainda estavam no início da graduação era constante, volta e meia perguntavam coisas sobre o PIBID e também sobre matérias da graduação, e essa troca é fundamental na formação. Como aponta Tardif (2008, p.52), “[...] É através das relações com os pares e, portanto, através do confronto entre os saberes produzidos pela experiência coletiva dos professores, que os saberes experienciais adquirem uma certa objetividade [...]”.

Diferente da primeira vez, quando eu comecei com o ano letivo em andamento, agora cheguei no início do ano, o que me possibilitou participar de reuniões com os professores do CMEI, me apresentar como pibidiano e vivenciar experiências que, quando entrei pela primeira vez, mais para o final do ano, não tive. Ter essas experiências do dia a dia do CMEI, mesmo que em espaços mais formais, é um dos benefícios que o PIBID oferece à nossa formação, pois nos permite compreender, ainda como estudantes, como funciona o ambiente da educação infantil

Outro ponto importante que aconteceu, é que o projeto institucional e o de Educação Física ainda não estava formado, assim, pude ter uma vivência que ainda não havia tido, que é na participação e conversa junto ao professor na elaboração. O projeto do CMEI é o “A terra é nosso quintal!”, e o de educação física “Educação Física no Quintal – Brincando na Natureza e Respeitando o Corpo-em-Movimento”. Ambos têm como objetivo principal aproximar as crianças da natureza, fazendo com que tenham mais contato e por meio dos quatro elementos fundamentais, como Água, Terra, Fogo e Ar, incentivar o cuidado com o ambiente.

No contexto específico da Educação Física, busca-se promover o desenvolvimento integral das crianças em suas diversas dimensões (expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural), garantindo seu direito ao movimento e reconhecendo-as como sujeitos ativos na exploração do mundo.

Essa proposta está em sintonia com a perspectiva defendida por Lucindo e Andrade Filho (2022), que compreende o movimento corporal como elemento central da Educação Física na Educação Infantil. Para os autores, o movimento não deve ser visto apenas como ação física, mas como linguagem que expressa emoções, pensamentos e experiências. Ao interagir com o espaço e com os elementos naturais, a criança constrói sentidos e se afirma como sujeito no mundo, desenvolvendo-se de forma integral e conectada à sua realidade.

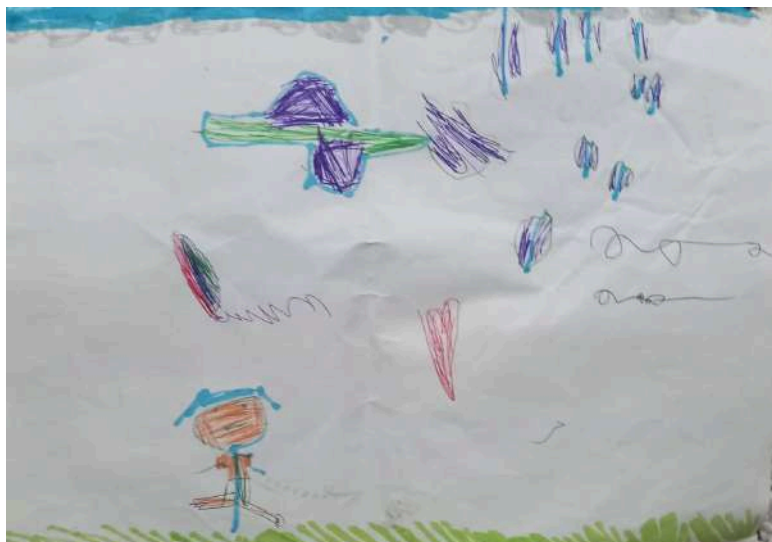
Ao retornar a escola, outra mudança perceptível que notei, foi que a escola agora está em fase de transição do tempo parcial para o tempo integral com turmas com a rotina organizada para horários parciais e outras que já estão com os horários e rotinas adequadas ao tempo integral. Essa mudança fez com que tivéssemos um pouco de dificuldade no início, pois o horário alterava toda semana praticamente, dificultando o planejamento.

No geral, minha rotina no CMEI está sendo nas terças e quintas, totalizando 10 horas semanais (diferente da primeira vez que participei do PIBID que eram 8 horas). Com as turmas 2AI, 3B, 5B e 6B, sendo crianças de 1 a 6 anos. E nessa rotina pude refletir novamente sobre a minha primeira experiência lá em 2023 com agora, que como já dito, era muito inseguro e não tinha ideia de como seria o trabalho com as crianças menores, dessa vez não teve essa insegurança, mas a certeza que era possível aulas de educação física para crianças menores além de só “observar”, com atenção e um planejamento maior.

No dia a dia com as crianças, pude refletir sobre um texto que estudei na matéria de epistemologia na educação física durante esse último período, onde na obra *Pedagogia da Autonomia*, reflete Freire (1996, p.67) “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?”

Tive ainda mais clareza que era pela afetividade e carinho que conseguia cativar as crianças, com atenção, brincadeiras e até mesmo sendo criança também. Acabei conquistando algumas turmas que não podem me ver no CMEI que já gritam “tio Arthur”, “tio Flamengo”. Acabo ganhando também quase toda semana desenhos das crianças, a afetividade é correspondida, e isso me motiva ainda mais a buscar ser um docente melhor.

Foto 7: desenho que ganhei de uma criança do grupo 6



Fonte: do autor

Um fato que acontece com frequência nessa atual experiência, é que o professor supervisor nos dá total apoio e incentivo nos planejamentos, a darmos nossas ideias e pensarmos também em atividades para serem feitas nas aulas com as crianças. É fundamental no aprendizado da docência ter essa prática de planejamento e planejamento coletivo, pois é algo que quando estivermos atuando, faremos todos os dias, dessa forma, concordo com a ideia de Libâneo, que diz que:

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.
(Libâneo, 2013, p. 245).

E, em um desses momentos de planejamento, um colega sugeriu passarmos o filme Elementos (2023), logo o nosso supervisor se animou, e juntos planejamos um dia de cinema no CMEI. A ideia do filme dialogava com o projeto institucional, pois o filme era de personagens dos 4 elementos, e nada como utilizar um recurso pedagógico como o desenho para ensinarmos as crianças.

Fizemos bilheteria, dinheiro, cartaz do filme, pipoca, tudo que tem no cinema, utilizando a ludicidade, e o trabalho coletivo, algo que foi planejado para nossas turmas, acabou sendo também utilizadas por outros professores para diversas outras turmas, sendo um sucesso no CMEI, e nosso trabalho foi bastante elogiado.

Foto 8: bilheteria do cinema



Fonte: do autor

Foto 9: explicação do filme



Fonte: do autor

Como já dito anteriormente, o trabalho com as crianças menores é mais desafiador, exigindo maior atenção e planejamento, mas muito possível e de extremo valor. Em um dia em que estávamos planejando uma aula para trabalhar o elemento Ar, pensamos em atividades para os grupos 2 e 3, compostos principalmente por crianças bem pequenas. Surgiram então as ideias de uma tirolesa e um balanço e outras práticas aéreas, que a princípio pareciam “loucura” e “impossíveis”, mas com o apoio do nosso supervisor, aconteceu e as crianças amaram.

Foto 10: atividade do tirolesa com o grupo 3



Fonte: do autor.

Antes do PIBID se algum colega sugerisse atividades como essas para a educação infantil, falaria que era impossível e muito provavelmente não entraria nem na imaginação. Mas graças às experiências que tive, com a confiança e troca que tenho no supervisor, acredito que qualquer atividade é possível, basta a vontade de planejar e adaptar ao contexto da turma e do CMEI.

Foto 11: práticas aéreas com o grupo 2



Fonte: do autor.

Uma questão que já havia percebido na primeira experiência e que agora se tornou ainda mais evidente é a importância das Experiências de Movimento Corporal das crianças. Essa valorização está presente, inclusive, no próprio nome do projeto de Educação Física, “Educação Física no Quintal: Brincando na Natureza e Respeitando o Corpo-em-Movimento”, o que já sinaliza a proposta pedagógica de respeitar os tempos, os gestos, experiências e vontades como parte do processo de aprendizagem, trazendo-as para o centro do trabalho educativo na Educação Infantil.

Esse olhar atento ao corpo infantil também ficava nítido no trabalho do professor Serge, supervisor do PIBID no CMEI, que conduzia as aulas com planejamento, mas sem engessá-las. Havia uma intencionalidade nas propostas, mas espaço para a autonomia, não era porque a atividade envolvia bambolês que as crianças necessariamente deveriam girá-los. Cada uma podia brincar da sua forma, e essa liberdade mostrava que o movimento era, de fato, respeitado e compreendido como expressão criativa.

Essa ideia se aproxima com o que diz Freitas (2008, p.144)

Pensar o corpo, o movimento e a Educação Física na Educação Infantil não significa pensar somente num tempo e espaço específicos. É preciso pensar na escola de Educação Infantil como um todo e nas diferentes relações

estabelecidas entre os sujeitos. [...] São diferentes corpos, com diferentes histórias, produzindo diferentes interações e construindo conhecimento [...].

Fica evidente que é importante pensar numa aula e nela ter objetivos, mas isso não significa que tem que ter um roteiro rígido estabelecido, pois são diferentes corpos com diferentes especificidades, cada criança tem a liberdade de buscar a sua forma de brincar.

Um exemplo claro dessa proposta de respeito ao movimento e à autonomia das crianças foi o dia intitulado “Natureza em Festa”, uma atividade especial que marcou a atual experiência no CMEI. Esse dia, repleto de brincadeiras, remeteu ao dia das brincadeiras de rua realizado em 2023, promovendo novamente uma vivência significativa para todos. Planejamos diversas atividades que dialogavam com os quatro elementos da natureza, água, terra, fogo e ar, usando o contexto lúdico como recurso para a exploração corporal e simbólica desses temas.

Dentro do CMEI, organizamos brincadeiras como pescaria, corrida de saco, travessia da ponte do jacaré, entre outras. No boliche, por exemplo, os pinos representavam o elemento fogo, e as crianças jogavam tentando “apagar as chamas”. As atividades foram pensadas com intencionalidade, mas o que mais se destacou foi a liberdade que as crianças tinham para escolher com o que queriam brincar, sem imposições ou ordens rígidas. Essa vivência reforçou ainda mais a ideia de que o brincar livre, conectado à ludicidade e ao movimento, e com intencionalidade é essencial para o desenvolvimento na Educação Infantil.

Foto 12: boliche em chamas



Fonte: do autor

Foto 13: pescaria



Fonte: do autor.

Voltar ao PIBID, mesmo para o mesmo CMEI, revelou-se uma experiência completamente nova. A presença de outros colegas, de um novo supervisor e de um novo projeto trouxe desafios e oportunidades distintas. Essa vivência reafirmou que a formação docente não é algo linear ou pontual, mas um processo contínuo e reflexivo, que se constrói na prática, na escuta e na ressignificação do vivido. Nesse sentido, Tardif (2008) observa que a experiência tem o potencial de promover uma retomada crítica dos saberes anteriormente adquiridos, sejam eles construídos antes ou fora da prática profissional.

A possibilidade de estar no CMEI desde o início do ano letivo permitiu vivenciar aspectos que antes não tinha contato, como o período de acolhimento, planejamentos coletivos de projetos desde sua origem, reuniões institucionais e experiências de aulas mais diversificadas com as crianças, me permitiu novas possibilidades de ampliação de experiências com a docência na prática, e contribuiu de forma significativa para consolidar a ideia de que as experiências de movimento corporal é, de fato, o objeto central de ensino da Educação Física na Educação Infantil, não como mera repetição de gestos, mas como forma de expressão, descoberta e relação com o mundo.

A afetividade, a escuta das crianças, o trabalho coletivo com os colegas e a liberdade pedagógica proporcionada pelo supervisor, mostraram que a prática pode ser um espaço fecundo de análise crítica e produção de sentidos. Como destaca Pimenta (1999), os cursos de formação, quando distanciados da realidade das escolas, pouco contribuem para a construção de uma nova identidade docente, sendo essencial vivenciar a prática como parte integrante da formação inicial.

Concluo esta segunda narrativa com a certeza de que cada etapa vivida no PIBID foi essencial para me constituir como professor. Mesmo retornando ao mesmo espaço físico, descobri que há sempre algo novo a ser vivido, que o processo formativo se renova com o tempo, e na relação com novas pessoas a depender de cada contexto. Como apontam Terra, Muniz e Veloso (2024), a escrita da experiência nos ajuda a compreender como aprendemos a ser professores, em movimento, em diálogo e em construção permanente.

5. CONCLUSÃO:

Ao iniciar a escrita do TCC, no 6º período da graduação, já sabia que desejava abordar o PIBID, dada a importância dessa experiência na minha formação. Contudo, por não saber se voltaria ao programa, já que o novo edital poderia manter os critérios do anterior, considerei escrever inicialmente um memorial da graduação.

Foi apenas no 7º período que soube da possibilidade de retornar ao PIBID, graças às mudanças no novo edital. Ao mesmo tempo, percebia que a escrita da proposta inicial de TCC, voltada para um memorial da graduação, não fluía como eu esperava. Sentia dificuldade em saber o que incluir, como organizar as ideias e articular as experiências de forma coerente.

Diante disso, em conversa com meu orientador, repensamos o caminho a seguir e decidimos transformar o trabalho em um relato de experiência no PIBID, com foco em como a formação docente se construiu, e ainda se constrói, por meio dessa vivência. A partir daí, a escrita ganhou sentido, ritmo e conexão com aquilo que realmente marcou minha trajetória como futuro professor.

Durante a escrita, decidimos colocar a carta de apresentação necessária no primeiro edital que participei, onde nela deixei evidente que eu gostaria de participar do PIBID para me desenvolver como professor

“Por isso, acredito que o PIBID seria uma excelente oportunidade para colocar em prática todo o conhecimento adquirido em sala de aula, além de adquirir novas habilidades e aprimorar minhas competências. Tenho muita vontade de participar de projetos na universidade que envolvam a educação infantil, pois acredito que é nessa fase da vida que se forma a base para a construção de um indivíduo completo e feliz.”

Foi interessante, pois neste edital ao qual estou agora, não foi preciso fazer uma, eu mal lembrava do que tinha nela, e é assim o processo de escrita e formação, retomada de memórias e a reflexão de como tudo ocorreu.

Ao longo das vivências no PIBID, compreendi então que aprender a docência é um processo que se constrói no fazer, na escuta, na dúvida e na reflexão. A prática pedagógica me ensinou que o planejamento é essencial, mas que ele precisa ser flexível, atento às especificidades de cada turma e às respostas que as crianças nos dão. Aprendi que respeitar o movimento da criança é reconhecer seu corpo como linguagem, e o brincar como uma forma legítima de aprender. Mais do que

aplicar uma atividade, o professor precisa estar presente, observar, escutar, compreender e intervir com sensibilidade.

Além disso, a afetividade demonstrou ser uma ponte potente entre o ensinar e o aprender. O vínculo criado com as crianças, a partir do cuidado, da escuta e da brincadeira, tornava as experiências de ensino mais significativas. Como reforça Freire (1996) que destaca que o educador precisa desenvolver uma amorosidade indispensável tanto em relação aos educandos quanto ao próprio processo formador do qual faz parte. No dia a dia do CMEI, entendi que é pela afetividade que se estabelece a confiança, o pertencimento e o desejo de aprender.

A docência, portanto, exige uma postura investigativa e reflexiva. Planejar não é apenas prever ações, mas também escutar o que a prática nos ensina e reelaborar o caminho constantemente. Como destaca Libâneo (2013), o planejamento escolar é parte essencial do trabalho docente, pois envolve não apenas a previsão e organização das atividades conforme os objetivos estabelecidos, mas também sua constante revisão e adaptação ao longo do processo de ensino.

Essa perspectiva se aproxima da ideia de Freire (1996, p. 85), ao afirmar: “Como professor, devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino [...]”. Nesse sentido, o planejamento deixa de ser um roteiro fechado e passa a ser um instrumento vivo, atravessado pela escuta, pela dúvida e pela abertura ao novo.

Outro ponto importante foi o fortalecimento do trabalho coletivo. As reuniões com os colegas pibidianos, os planejamentos em conjunto com os professores do CMEI e os momentos de discussão com os coordenadores do programa, evidenciaram o quanto a construção do conhecimento docente não se dá de forma isolada. Compartilhar experiências, dúvidas, sugestões e reflexões ampliou minha compreensão sobre a complexidade do ensinar, mostrando que ser professor também é saber aprender com o outro.

De forma respeitosa, reconhecendo que estou finalizando minha formação inicial e que ainda estou começando minha carreira de professor da educação básica, mas compreendo que as trocas de experiências e conhecimentos entre universidade e escola é essencial. Nesse sentido, deixo uma sugestão construída a partir da minha experiência e das reflexões desenvolvidas ao longo da formação: que os professores, especialmente os de Educação Física, se atentem à importância das experiências de movimento corporal na Educação Infantil.

Mais do que propor atividades com foco técnico e padronizado, acredito ser fundamental que o corpo da criança seja respeitado em sua liberdade expressiva. O brincar, o explorar, o movimentar-se de forma autônoma e criativa são elementos centrais da cultura corporal de movimento e colaboram diretamente para o desenvolvimento integral infantil. Limitar esses movimentos pode também limitar o aprendizado da criança.

Aos colegas da graduação, tanto os que estiveram comigo quanto os que participam de outros núcleos, deixo um conselho sincero: aproveitem cada instante dessa rica experiência que é o PIBID. Vivenciar o cotidiano escolar com acompanhamento, trocas de experiências, conhecimentos, escuta e participação ativa é algo que dificilmente se repete com essa mesma intensidade. Busquem tirar dúvidas com os supervisores, conversar com o corpo docente da escola, observar com atenção e refletir sobre os aprendizados. O PIBID é um espaço privilegiado para construir nossa identidade docente e compreender, na prática, o que significa ensinar e aprender.

Com alegria e convicção, concluo esta etapa da minha formação inicial com o desejo de seguir na área que mais me cativou ao longo do curso: a Educação Infantil. Pretendo, agora que estou finalizando a graduação, buscar oportunidades que me mantenham próximo desse campo, seja por meio da atuação direta como professor licenciado, seja por meio da continuidade dos estudos em nível de pós-graduação.

Tenho o desejo de ingressar em um mestrado que dialogue com essa temática, aprofundando os estudos sobre o corpo, o movimento e os processos pedagógicos na infância. Caso não seja possível de imediato, seguirei buscando outras formas de atuar nessa área, pois, dentre todos os níveis da educação, foi na Educação Infantil que encontrei maior sentido, conexão e motivação para continuar aprendendo e ensinando. A certeza que tenho é: não vou parar por aqui.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, N. F. de. **Experiências de movimento corporal de crianças no cotidiano da Educação Infantil**. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2011.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)**. Brasília, DF, [2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 29 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010. 36 p. Disponível em: <https://www.mec.gov.br/seb/documentos/dcn-ei.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Elaboração de memória profissional I**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Pró-Licenciatura em Educação Física Modalidade EAD, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, A. F. S. Corpo e conhecimento na Educação infantil. *In*: ANDRADE FILHO, N. F.; SCHNEIDER, O. (Orgs.). **Educação física para a educação infantil: conhecimento e especificidade**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. **Perspectiva**, [S. l.], v. 12, n. 22, p. 105–128, 1994. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10745>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCINDO, Julyeverson da Silva; ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de. **Educação Física na Educação Infantil: Por uma rotina em prol da promoção de experiências de movimento corporal das crianças no CMEI**. 2022 UFES, Pró-reitoria de graduação.

MARTINS, R. L. R. **O Pibid e a formação docente em educação física para a educação infantil**. 2015. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15-34.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Giovana Barbosa da et al. **Articulação do projeto Institucional “Capixabando” com a disciplina Educação Física**. Vitória - ES, 23 fev 2023.

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si**: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TERRA, D. V.; MUNIZ, N. L.; VELOSO, K. G. Artesdeinvestigar: narrativas na formação de professoras de educação física. *In*: SILVA, C. L. C. et al. (org.). **Experiências, memórias e narrativas: percursos de docência em um grupo de pesquisa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 117-135.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizado por: Michael Cole et al. Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1994.